

XXI Concurso Regional de Contos, Crônicas e Poesias Oscar Bertholdo

Título da obra: Doce, meiga Dolores

Pseudônimo do autor: Santiago Zucchini

Modalidade: crônica

Categoria: 03

Todos os dias, dona Dolores acordava às seis em ponto e preparava um café da manhã reforçado para seu marido e seus cinco filhos. Como ela adorava ser prestativa! Apanhava o pão, fatiava bem fatiado e arrematava tudo com uma manteiguinha no capricho. E que chocolate quente não fazia! Era de lamber os beiços. De quebra, ainda cortava e distribuía em pratinhos enfeitados toda sorte de frutos do quintal para o gozo da família. Enquanto comiam, já aproveitava a bagunça para rechear sacolas com os lanches da criançada, que estudava, e também do seu amado esposo, que andava trabalhando na construção. Dolores tinha mãos de anjo para essas coisas da cozinha.

Das oito em diante, mourejava como faxineira em casa dos outros. Era bonito de ver! Deixava a mobília, o chão e até as paredes brilhando. Fazia mais era por gosto, porque dinheiro mal pedia. Só se incomodava mesmo quando ia para a venda do Seu Zé e tinha que passar pelas vizinhas fofoqueiras. Vinham tachando seu marido de boêmio, aquelas danadas. Onde é que já se viu? Mas Dolores era boa. Aguentava os cochichos maldosos sem nenhum "escuta aqui".

Ao morrer do sol, voltava para o lar já com a alma inquieta de saudades. Encontrava a meninada correndo e gritando que nem leitão no abate. E não é que a mamãe se divertia? Gostava de apaziguar as rixas, de trocar as lâmpadas quebradas, de limpar as pegadas de barro. Às vezes, o homem da casa até ajudava quando não passava a noite fora, e aí a felicidade vinha em dobro. Doce e meiga Dolores. Oxalá haja mais Dolores neste mundo.

Mas um dia - pobre Dolores! Teve pedra nos rins...

Então passou a ver as coisas com outra lente. Culpou-se no começo, mas em pouco tempo a dor falou mais alto e convidou o pessimismo para jantar. Sua família não mais lhe parecia um recanto caloroso de aconchego e união. Cresceu em seu peito uma dúvida amarga quanto à fidelidade do marido, e isso só lhe dava mais raiva das vizinhas metidas. Mas era pior: de onde, afinal, o canalha tirava dinheiro para sustentar cinco bocas famintas? Não do salário medíocre, decerto. Ao lembrar dos filhos, dona Dolores sentiu princípios de enxaqueca. Aquelas pestes não eram muito melhores, pensava ela. Só sabiam destruir a casa, passar trancas e tirar meleca do nariz. Como se não bastasse, já perdera a conta das infatigáveis reclamações de mau comportamento na escola.

Não é preciso detalhar as brigas e a desordem que reinou na casa durante os dias de aflição renal. Perdoemos Dolores e vamos direto ao final feliz.

XXI Concurso Regional de Contos, Crônicas e Poesias Oscar Bertholdo

Título da obra: Doce, meiga Dolores

Pseudônimo do autor: Santiago Zucchini

Modalidade: crônica

Categoria: 03

Acontece que Dolores tinha corpo forte. Tão forte que, após uma semana, a coisa má desceu com a urina e ela ficou bem de novo, com saúde para dar e vender. Ah, então foi um alívio! Dolores se arrependeu humildemente do seu comportamento e tudo voltou ao normal. Ora, para que desconfiar do marido? Justo ele, que fora tão amável e dedicado durante tantos anos! Não precisava dar ouvidos para aquelas lambisgoias da vizinhança. Quanto aos filhos? Paciência! Estavam numa fase complicada. Em breve, eles cresceriam, aprenderiam a ser responsáveis e encheriam os olhos da mãe com lágrimas de orgulho.